

Povoamento pré-histórico da área de Pavia

LEONOR ROCHA¹

R E S U M O

Apresenta-se, aqui, o resultado dos últimos anos de prospeção na área de Pavia (Mora, Portugal). Os trabalhos realizados permitiram identificar um número significativo de pequenos povoados o que nos permite esboçar um quadro cronológico-cultural, para esta área, e colocar algumas questões sobre a sua evolução.

A B S T R A C T

The following article presents data resulting from a series of field surveys that were undertaken in the area of Pavia (Mora, Portugal) in recent years. During these field activities it was possible to identify a significant number of small settlements. This allowed us to create a chronological-cultural sequence for the area, and to pose several important questions concerning its evolution.

1. Introdução

A paisagem actual da área de Pavia encontra-se rendilhada por montados mais ou menos abertos de azinho, nas manchas em que aflora o soco antigo, e de sobro, nas manchas detríticas do Terciário, ambos com substrato arbustivo, quando existe, pouco denso; constituem excepção, neste aspecto, a Serra de Briços e parte das margens das ribeiras de Almadafe, do Divor e da Têra, onde o coberto vegetal representa, por vezes, um sério obstáculo à acessibilidade. Ainda no séc. XVIII (Silbert, 1978, p. 406), se refere a presença, no concelho de Mora, de extensas manchas de áreas incultas, com matagais onde abundavam os animais selvagens.

A área de estudo apresenta condições favoráveis para a pastorícia, nos terrenos mais acidentados e pedregosos e para a agricultura de sequeiro na maior parte das boas manchas de solos disponíveis; a intensidade do papel económico da agricultura, pelo menos a partir do Neolítico Final, parece ser confirmada pelo elevado número de elementos de mó detectados, alguns dos quais apresentam um elevado índice de utilização.

Em termos globais, os vestígios arqueológicos pré-históricos concentram-se sobretudo nas imediações dos principais cursos de água e a maioria perto de solos com capacidade agrícola (A a C). A maior densidade verifica-se ao longo das margens da ribeira de Têra, nos granitos e gnais-ses ou nas proximidades destas manchas, e, pelo contrário, as mais baixas surgem nas áreas que

correspondem geologicamente ao complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos, actualmente recoberto por montados de sobreiro.

Convém, no entanto, assinalar que estas últimas foram também as menos intensamente prospectadas, tendo sido feita uma prospecção menos sistemática, em função de topónimos e/ou dos acessos actuais, uma vez que também não havia registo de nenhum monumento megalítico nesse contexto. Parece evidente, mesmo assim, que os solos de tipo arenoso, com áreas mais planas e sem afloramentos, não foram considerados propícios à implantação de monumentos e povoados pré-históricos, tendo sido privilegiadas as paisagens com afloramentos, de relevo suave, perto de cursos de água.

A maioria dos povoados implantam-se em cabeços suaves, sem condições naturais de defesa e com boa visibilidade. Os únicos povoados que constituem excepção são o Castelo de Briços, Cabeças de Mora e o Castelo de Pavia que dispõem de uma excelente defensabilidade natural provocada pelo encaixe das ribeiras do Divor, da Raia e de Têra, respectivamente. No entanto, os dois primeiros não possuem, aparentemente, quaisquer vestígios de muralhas, ao contrário do Castelo de Pavia, que possuía pelo menos uma linha defensiva a delimitá-lo.

Em termos gerais, a elevada densidade do povoamento pré-histórico de Pavia assemelha-se, com algumas diferenças de fundo, à da região da Serra d'Ossa e da de Évora (Calado, 1995) onde as prospeções intensivas, realizadas nos anos 90, aumentaram significativamente o número de povoados conhecidos.

2. A amostra disponível

Quando se iniciaram os trabalhos de prospecção arqueológica na área de Pavia apenas se conheciam quatro sítios de habitat, três deles identificados e escavados por V. Correia, o Castelo de Pavia, o Castelo de Briços e o abrigo granítico da Pedra da Moura (Correia, 1914, p. 11-24, 40-41, 100-102) e ainda o povoado das Cabeças de Mora, referido na notícia explicativa da Carta Geológica 36 - A (Pavia) como Monte Novo do Calisto (Zbyszewski et al., 1980, p. 38).

Deste conjunto, apenas os dois primeiros foram esporadicamente tomados em consideração nas tímidas tentativas de síntese que, a partir dos anos setenta, cartografaram ou simplesmente listaram o povoamento pré-histórico alentejano. Mesmo assim, pode afirmar-se que dois povoados numa área relativamente tão reduzida (160 km²), representavam já uma média muito elevada no conjunto do povoamento pré-histórico conhecido, em termos regionais.

Sobre o Castelo de Pavia foi ainda publicado um breve resumo dos materiais existentes no M.N.A. por J. Arnaud (1971, p. 201), onde se salienta o facto de os dados publicados por Vergílio Correia em 1921 se reportarem exclusivamente aos da última campanha (1918). Este sítio teve recentemente uma intervenção de emergência realizada pela Dra. Andreia Santos. Em relação ao Castelo de Briços aquele autor pensa que o mesmo não teria sido escavado por V. Correia (Arnaud, 1971, p. 201) devido às más condições de acesso ao local. No entanto, é certo que existem alguns materiais deste povoado, depositados no Museu, e sabe-se que as antas que lhe estão próximas foram escavadas por V. Correia.

As campanhas de prospeções efectuadas, nesta área, durante os últimos anos, veio a revelar um grande número de vestígios pré-históricos inéditos, evidenciando as naturais lacunas epistemológicas e metodológicas dos trabalhos antigos, em que a monumentalidade da arquitectura megalítica funerária ofuscou geralmente os outros sinais, sempre mais modestos e exigindo uma focagem particular, que nos informam sobre diversos aspectos do quotidiano dos respectivos construtores e utentes.

Este enviesamento, que não afectou exclusivamente a pré-história portuguesa, foi já ironicamente definido, num contexto semelhante, como resultando das “tendências necrológicas”

dos investigadores, referindo-se ao trabalho de Georg e Vera Leisner; na verdade, V. Correia realizou aqui um trabalho cujo pioneirismo se manteve muito para além da época em que foi publicado, nomeadamente por ter postulado a necessidade de enquadrar o megalitismo funerário numa gama mais ampla de fenómenos, como são os vestígios de habitat ou os supostos locais de culto. O mesmo autor ignorou, no entanto, todos os menires de Pavia (isolados ou agrupados), no que foi seguido por todos os outros que aqui trabalharam até aos anos setenta.

3. Descrição

Na área considerada, não foram identificados, até ao momento, quaisquer vestígios atribuíveis, com segurança, ao Neolítico Antigo; efectivamente, não se encontraram cerâmicas impressas e as cerâmicas incisas são raras e, pelo contexto em que se inserem, parecem pertencer já a uma fase mais avançada dentro do Neolítico regional.

Em algumas áreas os agentes erosivos produziram, nos afloramentos de granitos porfiríodes, concavidades que, nalguns casos, foram aproveitados como abrigos naturais. O conjunto mais interessante, localiza-se na Herdade da Lapeira, a Leste de Pavia e é constituído por vários desses abrigos, identificados, na toponímia local, como a Pedra das Varandas, a Pedra do Sino, a Pedra da Moura, etc. (Correia, 1921, p. 100-101; Calado e Rocha, 1996, p. 673-682). Num deles, a Pedra da Moura ou Lapa dos Malteses, Vergílio Correia chegou a efectuar uma pequena sondagem (Correia, 1921, p. 100-101), tendo recolhido alguns fragmentos cerâmicos, aparentemente pré-históricos, um percutor e um machado de pedra polida.

Neste mesmo local, recolheram-se igualmente alguns fragmentos de cerâmica, um percutor e seixos de quartzito. Identificaram-se ainda nas proximidades mais dois abrigos com vestígios de ocupação pré-histórica, Abrigo dos Malteses 2, com cerâmicas e um percutor e a Lapa das Grutas, com artefactos de sílex, quartzito, granito e cerâmica, incluindo almagra.

Junto à ribeira de Matalote, o mesmo processo erosivo deu origem a outro abrigo natural de grandes dimensões, o do Monte das Antas, onde se recolheram, à superfície, fragmentos de cerâmica e um bordo.

No povoado do Olival, que se localiza a ESE de Pavia, recolheram-se fragmentos de sílex e de cerâmica almagra, um dos quais apresenta uma decoração incisa (Calado, 1995, p. 85, Est.114, 14), num contexto em que estão bem representados igualmente os abrigos rochosos naturais.

Estes sítios, mesmo considerando algumas semelhanças paisagísticas com o povoamento do Neolítico Antigo da região de Évora (Calado, 1995, p. 74- 82; Calado e Sarantopoulos, 1996) apresentam um conjunto de artefactos que, com as devidas cautelas relativas à escassez da amostra, os remete para momentos posteriores.

Parece aceitável uma cronologia dentro do que poderíamos considerar o Neolítico Médio, numa fase em que as cerâmicas decoradas estavam já em evidente regressão e em que as carenas ou os bordos espessados ainda não tinham surgido.

Para além deste tipo específico de sítios de habitat, minoritário na totalidade dos registos efectuados na área de Pavia e circunscrito a blocos de paisagem muito particulares, os dados obtidos, tendo em conta quer os artefactos recolhidos quer as estratégias de implantação dos povoados, permitem supor uma intensa ocupação da generalidade deste território, durante o Neolítico Final.

Os vestígios de habitat que se podem, com maior ou menor segurança, atribuir a este período, dispersam-se em áreas abertas, nalguns casos ocupando extensões consideráveis e caracte-

rizam-se pela notória escassez de cerâmicas e de artefactos de sílex e por uma abundância relativa de mós manuais e percutores.

Dentro deste conjunto destacam-se, pelas suas dimensões e pela expressividade dos respectivos espólios artefactuais, os povoados do Monte das Oliveiras 4, onde os materiais aparecem dispersos por cerca de 5 ha, e o do Monte dos Pardais, com cerca de 2,5 ha.

O povoado do Monte das Oliveiras 4, implanta-se num cabeço alongado sem quaisquer vestígios de defensabilidade natural ou artificial. À semelhança do que ocorre nos outros povoados deste período (povoados da Gonçala, Monte dos Pardais 1 e 2, Monte de S. Miguel 1 e 2, da Serra de Briços e da área da Tera) a cerâmica é escassa e apresenta-se normalmente muito degradada. As formas, quando passíveis de identificação, são simples e com bordos pouco espessados. As peças carenadas e as mamiladas estão presentes em alguns destes sítios, em percentagens muito pouco significativas. Note-se a ausência de pratos de bordo espessado que aparecem já nos povoados do Calcolítico Inicial (Monte do Henrique Soeiro e Cabeças de Mora) e Médio/Final (Castelo de Pavia).

A raridade das cerâmicas pode corresponder a um fenómeno de conservação diferencial, relacionado com a má qualidade das próprias pastas e com uma intensa utilização agrícola dos solos, em épocas posteriores ao abandono dos povoados; convém anotar que este fenómeno é particularmente sensível nos solos detríticos de tipo cascalheira cuja mobilização pode ter desencadeado processos abrasivos e outros, sobre os materiais mais sensíveis. Parece sintomático, de facto, que em alguns dos locais onde se recolheram cerâmicas estas se apresentam muito erodidas e com pastas pouco consistentes.

Existem ainda alguns núcleos de *habitats* pouco definidos (Portela, Monte das Cabeças, Monte da Adua 1, Pavia, Monte de Vale do Poço 2, Monte da Cré, Monte da Caeira 2, Monte das Figueiras 2, Monte das Oliveiras 2, Monte do Rato) devido à má visibilidade dos solos ou à efectiva escassez de artefactos à superfície.

Por último, deve realçar-se a presença de um elevado número de achados dispersos ou isolados normalmente constituídos por elementos de mó (alguns de grandes dimensões) e percutores. A significativa percentagem deste tipo de artefactos aponta para uma forte componente agrícola destas populações, neste período.

No entanto, alguns destes achados, desprovidos de contextos reveladores, podem não traduzir, pelo menos directamente, a presença de verdadeiros locais de habitat; a prática bem documentada, com aparentes implicações rituais, de incorporar elementos de mós na construção dos monumentos megalíticos, permite manter a dúvida sobre se alguns dos sítios registados corresponderiam a monumentos funerários destruídos.

Apesar da ausência de informação estratigráfica ou cronométrica, os povoados de Henrique Soeiro e das Cabeças de Mora apresentam já uma nítida diferenciação a nível artefactual que, por comparação com as áreas limítrofes, os permite enquadrar, provisoriamente, já no Calcolítico Inicial. Estes dados apontam para um processo de regressão populacional ou talvez de um simples agrupamento das populações, que parece atingir o seu apogeu no momento seguinte. De facto, para o Calcolítico Médio/Final o único povoado fortificado identificado até ao momento continua a ser o Castelo de Pavia, numa área de 160 km².

4. Estratégias de implantação

Em termos de estratégias de implantação pode-se considerar a existência de três modelos distintos, aparentemente escalonados no tempo:

1) povoados em áreas com grandes afloramentos rochosos de granitos porfiróides, ocupando abrigos naturais e as respectivas imediações. Situam-se todos nas proximidades de cursos de água. Em relação à capacidade de uso dos solos, aparecem todos implantados em solos da classe E, perto de manchas das classes C e D;

2) povoados implantados predominantemente em áreas abertas, topos aplanados ou terrenos baixos sem quaisquer vestígios de defensabilidade natural ou artificial. No entanto, não é de excluir a hipótese de se verificar em alguns destes povoados o mesmo fenómeno que ocorre em alguns da área de Badajoz e Elvas, onde aparecem estruturas defensivas em negativo, com fossas escavadas, em contextos geológicos semelhantes.

Em relação aos materiais, estes encontram-se dispersos por áreas relativamente extensas, como acontece com os povoados da Gonçala, Monte dos Pardais 1 e 2 e Monte das Oliveiras 4. Em termos geológicos verifica-se que se encontram implantados em todas as manchas geológicas à excepção do complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos e das aluviões modernas. No complexo arcósico e argiloso de Brotas os povoados encontram-se nas imediações de outras manchas. Parece assim existir uma preferência pelas áreas de transições geológicas. Em termos de capacidade de uso dos solos implantam-se, sobretudo, em solos das classes E (23 sítios) e C (19 sítios), mas nas imediações de solos A, B e D.

3) povoados instalados em locais com boas condições naturais de defesa, às quais se adicionaram defesas artificiais. Como se referiu anteriormente, na área de Pavia, apenas se identificou, até ao momento, um povoado com estas características: trata-se do Castelo de Pavia que se implanta num esporão na margem esquerda da ribeira de Têra, em solos da classe E.

5. Visibilidades

Questões como a intervisibilidade ou o domínio visual sobre as áreas envolventes, são sempre problemáticas, uma vez que dependem, necessariamente, do tipo e da disposição do coberto vegetal de cada época, fenómenos cuja aproximação é sempre difícil e sobre os quais se carece de estudos regionais e locais. Atendendo apenas à topografia podemos, mesmo assim, alinhar algumas observações genéricas.

Verifica-se, de facto, que para as áreas com muitos afloramentos graníticos, sobretudo nos troços mais declivosos, a visibilidade é menor, como acontece com a generalidade dos povoados em abrigos rochosos; o Castelo de Pavia, implantado junto ao leito muito encaixado da Ribeira de Tera, dispõe também de um campo visual relativamente curto, limitado pelas lombas que flanqueiam o curso da ribeira.

Pelo contrário, a maioria dos vestígios identificados, atribuíveis ao Neolítico Final ou ao Calcolítico Inicial, implanta-se em áreas relativamente abertas, sem defensabilidade apreciável, mas em cotas que, com a actual vegetação e numa paisagem pouco acidentada, permitem uma boa visibilidade.

6. Cultura material

As prospecções desenvolvidas na área de Pavia permitiram recolher um número significativo de conjuntos artefactuais, muitos deles diminutos, revelando modelos de ocupação paralelizáveis, com adaptações, aos que têm sido dados a conhecer nas áreas vizinhas de Reguengos de

Monsaraz e região da Serra d'Ossa, por exemplo (Gonçalves, 1988/89, 1989; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Calado, 1995).

É necessário, evidentemente, obter leituras estratigráficas através de escavações bem conduzidas, uma vez as únicas escavações efectuadas em povoados se reportam ao primeiro quartel deste século (Correia, 1921) e para as quais não dispomos nem de cadernos de campo nem de qualquer registo estratigráfico e muito menos, evidentemente, de datações absolutas.

Neste contexto, as cronologias que se propõe para os vários tipos de *habitats*, baseiam-se apenas nos modelos de ocupação do território e, sobretudo, nos conjuntos artefactuais de superfície por comparação com as cronologias disponíveis e as sequenciações propostas para as áreas limítrofes.

6.1. Os recipientes cerâmicos

Em 34 sítios (povoados, povoados(?) e abrigos), recolheram-se fragmentos de cerâmica, muitos dos quais em mau estado de conservação; apresenta-se, geralmente, muito fragmentada e com pastas pouco consistentes, à excepção da que provém dos abrigos e dos povoados do Monte de Henrique Soeiro, Cabeças de Mora, Castelo de Pavia e nos da Serra de Briços.

Efectivamente, poucos foram os fragmentos que permitiram uma reconstituição adequada, no que diz respeito à forma das peças; para muitos dos povoados, apenas se identificou uma ou duas formas cerâmicas.

As cerâmicas recolhidas nos abrigos rochosos, são constituídas predominantemente por formas fechadas (dois potes e dois vasos); as formas abertas estão representadas apenas por duas taças e os bordos não apresentam, em nenhum caso, qualquer tipo de espessamento. Trata-se de peças com pastas bastante compactas e superfícies bem alisadas, algumas das quais com almagre. Para os restantes povoados predominam, em geral, as formas abertas.

QUADRO 1 – Recipientes cerâmicos dos povoados do Neolítico Final e Calcolítico Inicial.

	<i>Cab. Mora</i>	<i>Serra Briços 4</i>	<i>Hen. Soeiro</i>	<i>Puc. Cima</i>	<i>Mte S.Miguel</i>	<i>Mte Pardais 1</i>	<i>Mte Oliv. 4</i>	<i>Mte C. Velhas 4</i>	<i>TOTAL</i>
Pratos	1	-	2	-	-	-	-	-	3
Taças	4	2	23	-	-	2	4	-	35
Vasos	-	3	2	1	1	-	2	-	9
Potes	-	-	2	-	-	-	3	1	6

As carenas estão presentes em cinco povoados: Serra de Briços 4, Serra de Briços 5, Monte do Henrique Soeiro, Cabeça Velha 5, com apenas um ou dois exemplares em cada sítio, e o Monte das Oliveiras 4, onde se recolheram 4 fragmentos. Note-se que para a maioria destes sítios o número total de fragmentos cerâmicos recolhidos é bastante reduzido, o que, do ponto de vista estatístico, eleva a importância relativa das carenas.

No que diz respeito ao espessamento dos bordos, variável que não foi considerada na ficha de materiais, é notória a exclusividade dos bordos simples em todos os sítios atribuíveis ao Neolítico Médio ou Final; apenas nos povoados calcolíticos (Castelo de Pavia, Monte de Henrique Soeiro e Cabeças de Mora) se registou a presença de bordos espessados, de diversos tipos. No Castelo de Pavia recolheram-se alguns exemplares de bordos almendrados largos, até agora inexistentes nos outros dois povoados e nas Cabeças de Mora ocorreu um exemplar de bordo com espessamento indiferenciado.

A cerâmica desta área é maioritariamente lisa, por vezes mamilada; não se recolheu nenhum exemplar dos mamilos aplicados sobre o bordo, característicos dos conjuntos do Neolítico Antigo-Médio, embora tenha surgido, no Monte de Henrique Soeiro, uma peça com mamilo perfurado, ou asa tubular horizontal, cuja presença pode ser um indício de alguma antiguidade. Na anta 1 de Brissos foi registada igualmente “uma vasilha esférica de colo alto provida de quatro asas perfuradas” (Correia, 1921, p. 40).

Surgem igualmente alguns exemplares de cerâmica incisa nos povoados do Castelo de Pavia, Castelo de Briços e Pucícaros de Cima. Excluindo os casos destes últimos povoados, devido ao estado de conservação das únicas peças recolhidas, apenas restam os exemplares provenientes do Castelo de Pavia, referidos e desenhados por V. Correia (1921, p. 21) e pelos Leisner (1959, Taf. 24). Trata-se de dois fragmentos de cerâmica incisa, com decoração de tipo simbólico, de clara filiação calcolítica, e um pequeno vaso, supostamente inciso, “imitando toscamente o estilo cerâmico de Palmela e Ciempozuelos” (Correia, 1921, p. 21). A observação das gravuras publicadas, particularmente a dos Leisner, permite manter em aberto a efectiva vinculação campaniforme desta peça, uma vez que, aparentemente, foi executada, nas linhas horizontais, com a técnica de Boquique, remetendo assim para cronologias mais altas. Por outro lado, a presença de campaniforme não destoaria do ambiente claramente metalúrgico do Castelo de Pavia (Calado, 1995, p. 153); de facto, V. Correia refere claramente a presença de “escórias de cobre” e de um alcaraviz, para além de alguns artefactos igualmente de cobre (Correia, 1921, p. 24)

Os pesos de tear encontrados durante as prospecções são, em termos absolutos e relativos, bastante escassos, o que poderá ser interpretado como revelador de uma fraca actividade de tecelagem. De facto, estes artefactos recolheram-se apenas em dois povoados, no Monte das Oliveiras 4, com 1 peso de tear de tipo placa e, no povoado do Monte do Henrique Soeiro, 4 pesos de tear de tipo placa. Um destes apresenta uma decoração de linhas paralelas, em zig-zag, organizadas obliquamente em função do eixo maior da placa.

No Castelo de Pavia recolheram-se centenas de pesos de tear de tipo placa e crescentes, nas escavações efectuadas por V. Correia, o que indicia, para este local, a existência de uma intensa actividade de produção de tecidos, para consumo local ou mesmo, eventualmente, tendo em vista a sua “exportação” para outras áreas.

Registou-se também a presença de cerâmica de revestimento/barro de cabanas em cinco povoados: Castelo de Pavia, Cabeças de Mora, Monte do Henrique Soeiro, Monte dos Pardais 1 e Monte das Casas Velhas 4.

6.2. A pedra polida

Os artefactos de pedra polida são escassos em todos os sítios de habitat registados, até ao momento, na área de Pavia; aparentemente, a única excepção é o povoado do Castelo, para o qual não se dispõe, infelizmente, de dados quantitativos. Recolheram-se este tipo de artefactos (machados e enxós) apenas em doze sítios, com um máximo de cinco exemplares por sítio. O povoado do Monte do Henrique Soeiro, por exemplo, onde se recolheram, em termos relativos, o maior número de materiais à superfície, ofereceu apenas três machados. Por outro lado, as enxós apareceram somente em dois sítios e apenas um exemplar em cada um.

A matéria-prima utilizada foi, sem excepção, o anfíbolito e os artefactos apresentam, normalmente, um desgaste muito acentuado. Quase todos os exemplares recolhidos estão fracturados. Note-se que se trata de artefactos de secções espessas, normalmente poligonais.

Não se recolheram outros tipos de artefactos de pedra polida.

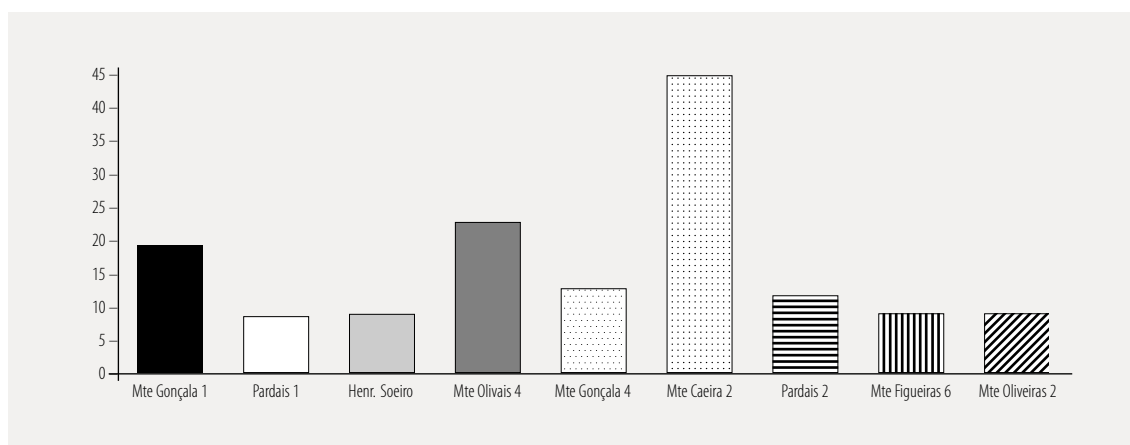
6.3. A pedra lascada

Ao contrário da pedra polida, a pedra lascada (as lâminas, as pontas de seta, as lascas e os seixos talhados) aparece em cerca de metade dos sítios identificados (50).

A matéria prima mais utilizada foi o quartzo e o quartzito, sendo mais escassos os artefactos em sílex e ainda mais em xisto jaspóide.

A comparação com o que se conhece na bacia do Guadiana (e mesmo em parte da bacia do Sado), onde o xisto jaspóide aparece arqueologicamente muito melhor representado que o sílex, permite uma aproximação regional ao problema, quase virgem entre nós, da relação entre as matérias-primas e as respectivas fontes e rotas de abastecimento. A área de Pavia, carente de ambos tipos de matérias-primas, pode ter mantido, por razões logísticas fáceis de descortinar, uma relação mais forte com os circuitos de distribuição do sílex, material de incontestável melhor qualidade, do que com os do xisto jaspóide, porventura acessível a menor distância.

6.4. Os percutores



Os percutores são artefactos relativamente abundantes nesta área, a partir do Neolítico Final, de acordo com o esquema de enquadramento temporal que propomos. A classificação destes utensílios foi feita em função da matéria prima e da forma geral, mesmo se se desconhecem motivações funcionais ou outras para a diversidade observada.

Recolheram-se um total de 272 percutores distribuídos por 56 sítios. A matéria-prima dominante é o quartzo (176) e o quartzito (88); os restantes materiais utilizados são-no apenas residualmente (8).

No que diz respeito à forma verifica-se um predomínio dos percutores alongados (85) e dos percutores de forma irregular (67) sobre as restantes.

O índice de utilização destes artefactos não é, normalmente, muito elevado, uma vez que apresentam, em geral, menos de metade da superfície total utilizada. Note-se que o quartzo e, em menor escala, o quartzito existem abundantemente, à superfície, um pouco por toda esta área.

6.5. Os elementos de mó

Este grupo, encontra-se presente em 46 sítios, num total de 164 artefactos. Foram classificados somente em relação à forma, uma vez que a matéria prima utilizada no seu fabrico foi sobretudo o granito.

Os tipos de dormentes mais abundantes são, considerando a forma da superfície activa, os de concavidade larga, em suporte grande (28), os aplanados, em suporte pequeno (25) e os de concavidade larga, em suporte pequeno (20). Estes artefactos, pelo seu peso e dimensão foram normalmente registados e deixados no terreno.

Em relação aos moventes recolheram-se 43 em 24 dos sítios identificados, sendo claramente predominantes os que apresentam a superfície activa de forma aplanada (35).

V. Correia considerou ainda, na sua obra, outro tipo de vestígios que classificou como “santuários” (Correia, 1921, p. 98-100), nomeadamente os Barroqueiros da Oliveira e a Cerca dos Antões. No primeiro caso, tratar-se-ia de um agrupamento de pedras de grandes dimensões sobre um grande afloramento, as quais formariam, segundo aquele autor, uma muralha de aspecto ovalado, com o eixo maior orientado no sentido norte-sul. A porta estaria virada para sul e daria acesso a um pequeno corredor que conduziria a um recinto circular. No segundo caso, o recinto também apresentaria uma planta ovalada, seguindo a forma da própria elevação, com uma porta virada a sul e aproveitando por vezes o afloramento natural como muro. No interior deste espaço, encontrar-se-ia a sepultura dos Antões.

A análise cuidadosa destes dois supostos recintos permitiu-nos concluir que se trata de formações naturais; no caso dos Barroqueiros, são notáveis algumas formas curiosas, provocadas pela erosão, apresentando por vezes “cavinhas” naturais, fenómeno que observamos recorrentemente no mesmo contexto geológico.

7. Integração cronológico-cultural

A sequência cultural na área de Pavia poder-se-ia resumir, de uma forma por enquanto muito simplificadora, nas seguintes fases:

1. Neolítico Antigo/Médio com a ocupação de pequenos abrigos naturais, com enterramentos em pequenas sepulturas e/ou antas de corredor curto e, eventualmente com menires e recintos megalíticos;

2. Neolítico Final com um povoamento disperso, normalmente em áreas abertas ou pequenos cabeços sem defensabilidade e com bom domínio visual sobre a paisagem; construção das grandes antas de corredor;

3. Calcolítico Inicial com povoados implantados junto a cursos de água, em elevações muito suaves e ainda sem vestígios, aparentes, de defensabilidade; utilização e eventualmente construção de antas de corredor.

4. Calcolítico Médio/Final, representado pelo Castelo de Pavia, encontra-se num esporão sobre a ribeira de Têra, num ponto que não é topograficamente dominante, muito embora a defensabilidade natural seja elevada. As escavações efectuadas por V. Correia revelaram a existência de estruturas defensivas (Correia, 1921, p. 12). Trata-se de uma implantação, a vários títulos semelhante à que encontramos no povoado do Castelo Velho do Lucefece (Alandroal), este com reocupações em épocas posteriores e ainda com maior defensabilidade natural. Em termos funerários, esta época deve corresponder à fase final de utilização (e construção?) de monu-

mentos megalíticos funerários. A aparente ausência de *tholoi* articula-se perfeitamente com a insipiência da rede de povoamento, para mais tendo em conta que estes monumentos, se existirem, são sempre de detecção problemática.

8. Relação habitat/necrópole/santuário

Na área de Pavia verifica-se uma relativa proximidade entre as necrópoles, os vestígios de habitat e os monumentos megalíticos não funerários. De facto a observação do mapa geral não permite individualizar áreas específicas para cada um destes grupos.

Para a maioria das antas a proximidade de vestígios de habitat é de escassas dezenas ou centenas de metros. No entanto, em nenhum destes casos é possível estabelecer com segurança uma qualquer relação de contemporaneidade, face à informação disponível.

A existência de um tipo de povoamento junto a grandes afloramentos rochosos, com materiais de características mais arcaicas, parece ser um traço comum a outras áreas do Alentejo Central, nomeadamente a região da Serra d'Ossa (Calado, 1995, p. 76) e a de Reguengos de Monsaraz (Soares e Silva, 1992, p. 46; Gonçalves et al., 1992, p. 400).

Porém, em todas estas áreas, a relação espacial entre o povoamento e o megalitismo não funerário não parece corresponder, de forma clara, ao padrão verificado na área de Évora (Fonseca, 1987; Burgess, 1987; Gomes, 1989), onde os grandes cromeleques e alguns menires isolados se articulam espacialmente, de uma maneira quase exclusiva, com uma mancha excepcionalmente densa de vestígios de habitat cujos materiais mais antigos correspondem à mais antiga instalação de grupos neolíticos ou em vias de neolitização no interior sul do país.

De resto, a presença diferencial de vestígios relacionados com o Neolítico Antigo, nas áreas limítrofes de Évora e Reguengos de Monsaraz, e a respectiva ausência em Pavia, pode apontar diferenças cronológicas (e culturais) entre estas áreas. Parece admissível, como hipótese, uma ocupação mais tardia do território paviense, em conexão com a construção de estruturas meníricas de menor monumentalidade e outras lógicas de domesticação da paisagem, ela própria com um carácter *sui generis*.

Com base na evidência artefactual de superfície, actualmente disponível, o “grosso” do povoamento desta área parece corresponder ao Neolítico Final, com povoados em áreas pouco destacadas, mais disperso, sem defensabilidade natural e próximo de linhas de água. A nível artefactual destaca-se a presença de um elevado número de mós e de percutores espalhados um pouco por toda a área, à excepção das manchas que correspondem aos terrenos do Terciário.

O elevado número de sítios identificados, a maior parte com poucos materiais à superfície, aliado ao tipo de materiais (macrolíticos) parece apontar para um modo de vida essencialmente agro-pastoril, provavelmente ainda com uma forte componente de caça, em pequenos núcleos de povoamento.

A complexificação das actividades económicas, com a criação de excedentes, normalmente designada como “Revolução dos Produtos Secundários” (Sherrat, 1981, p. 1995) em cujo contexto se insere o próprio desenvolvimento da metalurgia, parece ter tido um impacte importante, nesta área, se atendermos à excepcionalidade do Castelo de Pavia, cujo padrão de implantação testemunha um período de grandes transformações e confrontos.

A situação verificada sugere uma alteração profunda na rede de povoamento desta área, cuja leitura se pode equacionar segundo diversas alternativas: 1) o efectivo populacional diminui e concentra-se num único povoado, fundado segundo uma nova concepção; 2) os povoados

abertos mantêm-se, em simultâneo com o fortificado, que funcionaria como lugar central; 3) o povoado fortificado corresponde a um modelo exógeno, eventualmente construído por populações recém-chegadas, em conflito com os povoados abertos preexistentes, para cujo declínio contribuem.

9. Integração regional

O estabelecimento provisório de algumas relações crono-culturais entre a área de Pavia e as áreas vizinhas da Serra d'Ossa, Évora e Reguengos de Monsaraz, entre as mais próximas e paisagisticamente mais similares, apresenta hoje alguma viabilidade graças à publicação, nos últimos anos, de uma série de novos dados sobre as respectivas ocupações neolítica e calcolítica (Soares e Silva, 1992; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Gonçalves, 1988/89; Calado e Rocha, 1996; Calado, 1995; Höck, no prelo).

Para começar, a evidência disponível deixa supor uma neolitização da área em estudo em momentos posteriores à dos arredores de Évora, onde a fase inicial do processo parece ter sido responsável pela erecção dos grandes conjuntos de “pedras talhas” e pela instalação de um sistema de povoamento intenso, mas disperso em pequenos núcleos assinalados na paisagem pela presença de imponentes blocos graníticos (Calado e Rocha, 1996, p. 673-682). De facto, o povoamento mais antigo da área de Évora, balizado pelos conhecidos recintos megalíticos, apresenta uma cultura material perfeitamente integrável no Neolítico Antigo, mais ou menos evoluído, considerando as formas e as decorações cerâmicas e o tipo de indústrias líticas.

As prospecções em Pavia permitiram identificar um reduzido número de vestígios de habitat (Lapa das Grutas, Lapa do Maltês, Abrigo dos Malteses 2 e Abrigo do Monte das Antas) atribuíveis, provisoriamente ao Neolítico Médio, com cerâmicas de formas simples, algumas almagradadas e geralmente sem decoração. Note-se que em nenhum destes locais se encontraram formas carenadas ou bordos espessados, indicadores habituais de cronologias dos finais do quarto e de todo o terceiro milénio a.C. Regista-se ainda uma presença significativa de pedra lascada, nomeadamente lascas de sílex, que escasseiam nas fases seguintes, estando praticamente ausentes os elementos de mó. Tampouco se recolheu, nestes contextos, qualquer artefacto de pedra polida.

Estes conjuntos apresentam alguns paralelos nas áreas limítrofes, embora sejam de assinalar algumas diferenças cujas origens são, por enquanto, de difícil determinação.

a) na área de Reguengos, os povoados mais antigos, Pipas, Fábrica de Celulose e Quinta da Fidalga (Soares e Silva, 1992), apresentam escassa percentagem de artefactos de sílex, sendo a indústria lítica dominada pelas macro-indústrias de quartzito que, por sua vez, são muito menos impressivas em Pavia. Em contraste com esta área, aparecem em Reguengos alguns artefactos de pedra polida e elementos de mó (Pipas e Fábrica de Celulose), embora em número reduzido. A cerâmica, de formas simples e pouco variadas, apresenta, no entanto, alguma decoração impressa e plástica. No povoado da Fábrica da Celulose, considerado, juntamente com a Quinta da Fidalga, mais recente que o das Pipas, recolheram-se algumas taças decoradas com sulco abaixo do bordo, com bons paralelos em Sines e na Estremadura (Zilhão e Carvalho, no prelo), onde foram registadas em níveis considerados do Neolítico Médio. Este motivo decorativo, vestigial na área de Évora (Calado et al., no prelo), não foi, até à data, repertoriado nos conjuntos de Pavia; são as cerâmicas almagradadas, em última análise, o melhor indicador, ao nível da cultura material, de algum paralelismo cronológico-cultural entre aqueles dois povoados do Guadiana e os dos abrigos de Pavia.

Quanto aos padrões de implantação, sabe-se que os povoados mais antigos de Reguengos se localizam em áreas baixas, perto de linhas de água, sobre solos arenosos e onde não faltam também os grandes afloramentos graníticos.

b) na área de Évora, para além dos materiais que remetem para uma génese mais antiga que a de Pavia (Calado, 1995; Calado e Rocha, 1996, p. 673-682), é notória a continuidade do mesmo sistema de povoamento até momentos relativamente tardios, com ocorrência vestigial de carenas e um ou outro bordo espessado. Isto implica alguma contemporaneidade entre uma e outra área, centrada no Neolítico Médio. Salienta-se a escassez relativa de cerâmicas almagradas, nos espólios de Évora, aspecto que tem como contraponto uma predominância das cerâmicas impressas, incisas e com decoração plástica.

A pedra polida e os elementos de mó são, como em Reguengos, escassos.

Um dos aspectos que individualiza a área de Évora em relação às de Pavia ou Reguengos, diz respeito à separação nítida entre o território onde se concentra o povoamento neolítico e os territórios onde ocorre a maioria das antas da região, diferença que se traduz economicamente numa maior vocação agrícola destes últimos. Os cromeleques parecem, por outro lado, demarcar, na maior parte dos casos, as fronteiras entre ambos.

c) na área da Serra d'Ossa identificaram-se dois povoados do Neolítico Antigo/Médio, Bencatele e Olival. Em relação ao primeiro, destaca-se a presença de cerâmicas com decoração impressa, incisa e plástica o que, à partida, aponta para uma certa antiguidade em relação a Pavia.

A pedra lascada está representada maioritariamente por seixos e lascas de quartzito e a pedra polida por instrumentos de secção arredondada, sendo muito escassos os elementos de mó. (Calado, 1995, p. 85). Este quadro, para além de eventuais discrepâncias cronológicas envolvidas, reporta-se a um contexto paisagístico muito distinto, em que a concorrência de alguns traços favoráveis, como a disponibilidade de bons solos e a abundância de água, entre outros, podem ter implicado bases económicas diferentes.

O povoado do Olival situa-se na bacia da Têra, junto ao limite com a área de Pavia e, portanto, pertence ao mesmo conjunto aqui apresentado. A cerâmica é constituída por alguns fragmentos almagrados, tendo-se registado a presença de um fragmento almagrado com decoração incisa. Esse fragmento apresenta, aliás, grandes semelhanças com outro do povoado de Bencatel, se bem que executados com técnicas diferentes (Calado, 1995, p. 86). Neste povoado e na respectiva área envolveram-se fragmentos de machados de secção arredondada e registou-se a presença de um dormente de mó manual.

Nesta área, é ainda de referir a presença de outros núcleos de povoamento pouco definidos (Atalhos, Lajes, Zambujal, Carrascal 2, Quintais, Montinho 1 e Palheiros) devido à escassez de materiais recolhidos, mas que foram genericamente atribuídos a este período.

Em relação ao megalitismo não funerário, a comparação entre os vários núcleos de menires alentejanos, em termos morfológicos e em termos dos respectivos contexto geográficos e arqueológicos, permite considerar algumas diferenças que os individualizam regionalmente.

Ao encontrar-se afastada do eixo Montemor-Évora-Reguengos, onde a densidade e a dimensão dos monumentos sugere a existência de um núcleo principal, a área de Pavia parece ter desenvolvido um fenómeno mais tardio, cronologicamente integrável no Neolítico Médio e relacionável com os abrigos sob rocha. Os padrões observados poderão apontar, como já anteriormente defendemos (Calado e Rocha, 1996, p. 673-682) para uma “*décalage*” cronológica entre as diferentes áreas.

A atribuição da maioria dos menires ao Neolítico Antigo/Médio, para a qual existem mesmo duas datações de ¹⁴C, sempre discutíveis, e algumas boas evidências em termos de associações artefactuais e espaciais, tem sido posta em causa, por alguns autores, com base na presumida

ausência de um efectivo populacional suficiente e de mecanismos económicos e sociais que permitissem libertar mão de obra para a respectiva construção.

Se, para o caso de Pavia, este critério poderia ser válido, não obstante o número e a dimensão dos menires não exigirem um elevado número de pessoas, para Évora, a existência de um grande número de sítios de habitat dessa época, espacialmente relacionados com a principal concentração de recintos megalíticos, contraria essa tese.

A implantação e orientação dos recintos megalíticos nas encostas viradas a Nascente, é muito evidente nos monumentos de Évora (Almendres, Vale Maria do Meio e Portela de Mogos) sendo menos óbvia nos casos de Reguengos e de Pavia. Note-se que em Pavia eles se implantam em vertentes muito suaves à excepção do recinto megalítico da Santa Madre de Deus, que se assemelha mais aos de Évora.

Também a dimensão dos menires é menor em Pavia, assim como nalguns de Reguengos, no de Ponte de Sor e, com menires ainda menores, no conjunto do Torrão, em Elvas; estes últimos ocupam posições ainda mais excêntricas em relação foco eborense.

A orientação geral dos monumentos insere-se ao longo de um corredor ajustado à trama geomorfológica da região (Calado e Rocha, 1996, p. 673-682) formando um alinhamento à escala regional com uma variabilidade na orientação semelhante às do megalitismo funerário. Este fenómeno verifica-se não só na área de Montemor-o-Novo — Évora — Reguengos, como também em Pavia e na bacia hidrográfica do Sever (Oliveira, 1995, p. 428).

Finalmente, a relação entre os menires e as mais antigas sepulturas megalíticas, que supomos, na linha do modelo tradicional, tratar-se das pequenas sepulturas em ferradura, carece ainda de uma definição suficiente. Na perspectiva da sequência cronológica aqui defendida, pode haver uma contemporaneidade total ou parcial entre os dois fenómenos ou, pelo contrário, tratar-se de fenómenos temporal e culturalmente contíguos.

No Neolítico Final o povoamento expande-se a quase todo o território considerado, à excepção das áreas de areias e dos filitos e micaxistos, mas onde também a prospecção foi menos intensiva. As prospecções realizadas permitiram identificar um elevado número de vestígios atribuíveis a este período, ao contrário do que sucede com os restantes. Os materiais recolhidos nestes sítios são maioritariamente constituídos por percutores e elementos de mós, sendo notoriamente escassa a pedra polida e lascada e as cerâmicas.

Existem algumas similitudes, mas também importantes diferenças, entre a área de Pavia e as de Reguengos, de Évora e da Serra d'Ossa, as quais, poderão estar ligadas às diferenças paisagísticas mas também à rede de contactos que cada uma mantinha.

A implantação dos povoados deste período traduz uma nítida preferência por solos cultiváveis, próximos de linhas de água em detrimento das estratégias de defensabilidade. Os conjuntos artefactuais que lhes estão associados (elementos de mó, artefactos de pedra polida e percutores) atestam um incremento das práticas agrícolas, neste período em todas as áreas. Aliás, este padrão parece ser um fenómeno recorrente no Sul de Portugal. No entanto, é ao nível dos materiais, de recolhas de superfície ou de escavação, que se notam as maiores discrepâncias com a área de Pavia, sobretudo em relação à cerâmica, à pedra lascada e à pedra polida, que poderão dever-se simplesmente a diferentes condições de preservação e de visibilidade dos solos.

A região da Serra d'Ossa apresenta também, internamente, diferenças de povoamento em função do substrato geológico. Os povoados implantam-se preferencialmente nos solos com melhor aptidão agrícola em detrimento das áreas mineiras (Calado, 1995, p. 136). O facto de alguns destes sítios se encontrarem em bons solos agrícolas, actualmente muito aproveitados, levou a que vários (Horta das Nogueiras, Salgada, Monte da Ribeira) fossem afectados por surras profundas, o que permitiu a recolha de um número considerável de materiais.

É ainda de referir a existência de povoados que apresentam uma continuidade até ao Calcolítico (Monte da Ribeira e Salgada), mantendo-se assim neste período os povoados abertos, sem a construção, aparente, de estruturas defensivas, o que não acontece em Pavia.

As prospeções e as escavações realizadas nos últimos anos na área de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Soares e Silva, 1992) permitiram estudar alguns povoados, bem definidos, cronologicamente integráveis no Neolítico Final/Calcolítico Inicial. Trata-se de povoados na sua maior parte abertos em áreas topograficamente pouco elevadas; inserem-se neste grupo os povoados do Marco dos Albardeiros, Tesp 3, Areias 15, Monte Novo 3 (Gonçalves, 1993; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992) e Perdigões (Gomes, 1989).

A cultura material destes sítios, alguns com escavações (Tesp3, Marco dos Albardeiros e Monte Novo dos Albardeiros), é muito mais variada e abundante do que os escassos exemplares recolhidos, exclusivamente, à superfície em Pavia.

As escavações realizadas nos povoados do Tesp 3 e no Marco dos Albardeiros (Gonçalves, 1993), permitiram identificar um conjunto de estruturas escavadas, de difícil interpretação e semelhantes às existentes em alguns povoados da área de Elvas, Badajoz e Huelva. Estes sítios poderão eventualmente vir a revelar-se paralelizáveis com alguns de Pavia que apresentam, à partida, grandes semelhanças (de implantação e de geologia).

No Tesp 3, as cerâmicas aparecem bem representadas em número e variedade de formas, com um número significativo de peças carenadas, taças e pratos de bordo espessado, cerâmicas mamiladas e apenas 1% de cerâmica decorada; abundam igualmente os pesos de tear. A pedra lascada também apresenta alguma variedade morfológica estando presentes as lâminas, as lamelas, algumas retocadas, e as pontas de seta. Também a pedra polida apresenta frequências superiores às de Pavia.

Apesar das discrepâncias a área de Reguengos de Monsaraz é talvez a que apresenta mais semelhanças com a de Pavia em termos paisagísticos e do megalitismo. No entanto, os povoados das áreas de Évora (Hortinhas) e da Serra d'Ossa (Cavaleira e Nogueiras) apresentam grandes semelhanças com os de Pavia. Mais uma vez estamos perante conjuntos melhor definidos onde a cerâmica, a pedra lascada e a pedra polida se encontram bem representados.

Finalmente, é de salientar que os grandes povoados abertos identificados em Pavia, com mais de 1 ha (Oliveira 4 e Monte dos Pardais 1 e 2), ainda não foram detectados em Reguengos, à excepção, do dos Perdigões. Estes povoados são paralelizáveis com o da Mangancha e da Sala N.º 1, na Vidigueira.

A transição entre o Neolítico Final e o Calcolítico Inicial encontra-se representado nos povoados do Monte do Henrique Soeiro e das Cabeças de Mora. A ausência de escavações nestes sítios não permite o estabelecimento de uma cronologia muito precisa. No entanto, pelos materiais de superfície (aparecimento dos bordos espessados em taças e pratos) pode-se propor uma ocupação a partir do Neolítico Final e, aparentemente até ao início do Calcolítico. Não se detectaram vestígios de defensabilidade artificial e apenas o povoado de Cabeças de Mora possui alguma defensabilidade natural a NE, devido ao encaixe da Ribeira da Raia. Também não existem indícios da presença da metalurgia neste locais.

Na região da Serra d'Ossa, de entre os povoados desta fase, destacam-se o Monte da Ribeira, a Salgada, o Cubo, as Pereiras e a Carrasqueira, com conjuntos artefactuais semelhantes aos de Pavia.

Na área de Évora, provavelmente devido a insuficientes investigações, conhecem-se ainda poucos povoados deste período. Os povoados da Oliveirinha, do Alto de S. Bento e da Valeira, apresentam já bordos espessados, estando ainda ausentes os almendrados no do Alto de S. Bento. Destaca-se ainda a presença de cerâmicas carenadas em todos.

Ao contrário da área da Serra d'Ossa onde se identificou uma relativa continuidade cultural, e mesmo de Pavia, a área de Reguengos ainda apresenta algumas rupturas de continuidade, estando o Calcolítico Inicial presente no Castelo do Azinhalinho e, talvez, no Monte Novo dos Albardeiros.

O momento seguinte, o Calcolítico Pleno, detentor da metalurgia do cobre e com povoados muralhados encontra-se, na área de Pavia, em apenas um povoado, o Castelo de Pavia. Implantado num cabeço não dominante (não ocupa a cota mais elevada), possui pouco domínio visual sobre o território circundante devido ao movimentado do terreno e ao encaixe da ribeira de Têra. O conjunto artefactual, recolhido nas escavações realizadas por Vergílio Correia (1921), é similar aos dos restantes povoados deste período.

O único povoado conhecido na área de Reguengos é o Monte Novo dos Albardeiros cujas escavações permitiram identificar uma sequência complexa, e ainda mal definida, de fases de construção/ocupação e derrube (Gonçalves, 1988/89). Este sítio apresenta algumas discrepâncias em relação ao Castelo de Pavia, não só em termos de implantação, como de área ocupada e mesmo artefactual.

Na área da Serra d'Ossa existe um conjunto significativo de povoados atribuíveis genericamente a este período, sendo de realçar os povoados de S. Gens, Serra da Sina, Perdigoa, Pereiras, S. Pedro, Vinha, Monte da Ribeira, Fonte Ferrenha e Famão (Calado, 1995, p. 123, 153). Recolheram-se cerâmicas campaniformes nos dois últimos sítios.

Nestes povoados, as estratégias de implantação são, em alguns casos distintas das de Pavia, estando implantados em cabeços mais suaves e em áreas mais abertas. Apenas a Fonte Ferrenha se assemelha mais ao Castelo de Pavia.

O megalitismo funerário da área de Pavia (Rocha, 1999, p. 71-94) constitui um denso conjunto, comparável ao de Reguengos e ao de Évora. Morfológicamente são muito semelhantes mas a nível artefactual podem detectar-se algumas assimetrias, devido essencialmente à escassez, ou mesmo ausência, de certos conjuntos, nas antas de Pavia. A observação dos desenhos publicados pelos Leisner (1959) evidencia a presença de formas cerâmicas mais evoluídas, de um maior número de artefactos de pedra lascada e de objectos de adorno, nas antas de Reguengos.

10. Um balanço provisório

A análise dos dados até agora coligidos em Pavia, na óptica do estudo das dinâmicas do povoamento megalítico, permite levantar algumas novas questões, quer em termos da respectiva especificidade local, quer, numa abordagem mais ampla, no contexto da neolitização e da "megalitização" do interior alentejano.

1. Estes fenómenos foram recentemente discutidos, com base em premissas distintas, por diversos autores (Zilhão, 1992; Diniz, 1994; Calado, 1995); em causa estão alguns aspectos cronológicos fundamentais, com consequências importantes nos modelos propostos. J. Zilhão e M. Calado propõem que os megálitos mais antigos do Alentejo interior teriam sido erigidos pelos primeiros ocupantes neolíticos, provenientes algures do quadrante ocidental; porém, para o primeiro autor, a génese do megalitismo identifica-se com a construção das primeiras sepulturas megalíticas, em época nunca anterior ao Neolítico Médio; o segundo, pelo contrário, considera os menires a fase inicial do megalitismo centro-alentejano e atribui a sua construção aos grupos do Neolítico Antigo que, segundo parece, terão sido os verdadeiros colonizadores do Alentejo Central do pós-glacial. M. Diniz, defendendo também a neolitização precoce do Alentejo inte-

rior admite a existência de uma fase pré-megalítica e põe em causa a origem ocidental dos primeiros grupos neolíticos.

Em Pavia, se ressalvamos a possibilidade de novas evidências em contrário, o início da neolitização do território parece ser posterior à instalação dos povoados mais antigos do aro de Évora, atraso que transparece da comparação dos conjuntos artefactuais dos locais de *habitat*; cronologicamente, essa fase inicial deve corresponder a um momento avançado dentro do Neolítico Antigo ou mesmo já ao Neolítico Médio.

Numa possível sequência regional, assente no modelo evolutivo dos Almendres, a maior parte dos menires de Pavia corresponderia, em função das respectivas dimensões, à fase mais recente daquele recinto megalítico, constituída por menires de menor calibre e que, aparentemente, foi acrescentada ao monumento original.

Restam, neste capítulo, muitos outros problemas em aberto, como seja a posição cronológica relativa dos diferentes tipos de monumentos meníricos, observados em Pavia; refira-se, particularmente, o caso do grande menir da Caeira, único nesta área, que remete para os grandes menires-estelas, como o do Monte dos Almendres, o do Monte da Ribeira e o da Belhoa ou, caso não tenha gravuras, para os grandes menires fálicos do Outeiro ou da Meada; a antiguidade de uns e outros parece deduzir-se, respectivamente, da identidade dos temas insculpidos como os que ocorrem nos grandes cromeleques de Évora ou da datação (discutível, sem dúvida) do menir da Meada.

2. A maior parte do megalitismo funerário de Pavia é atribuível ao Neolítico Final; os testemunhos do povoamento que lhe corresponde, apesar de alguns contornos ainda mal definidos, estão omnipresentes, em áreas abertas, nas proximidades de todas as manchas dolménicas.

Esta identificação que, noutras áreas pode ser ainda problemática, está reforçada, no território de Pavia, pela notória escassez de povoamento de outras épocas em relação ao elevado número de antas conhecidas.

A diacronia destes monumentos, no seu conjunto, continua problemática; porém, a antiguidade relativa das pequenas sepulturas em ferradura parece a melhor explicação para as diferenças de espólios, imagem coerente com as observações efectuadas noutros contextos alentejanos; em todo o caso, a coexistência com as antas de corredor, nos mesmos territórios, não permite aplicar, em Pavia, o modelo que foi proposto, recentemente, para a bacia do Sever (Oliveira, 1995).

Não dispomos, em Pavia, de qualquer elemento para aferir a posição cronológica relativa entre as sepulturas em forma de ferradura e os menires, sendo provável que alguns sejam, efectivamente, contemporâneos. Porém, a reutilização de pequenos menires, na sepultura anexa ao cromeleque e povoado do Torrão, em Elvas, sugere uma sequência cronológica em que os menires seriam, em termos gerais, de concepção mais antiga.

O modelo que melhor parece ajustar-se à evolução do megalitismo regional, assenta num esquema de transformação-redução do porte dos menires e da dimensão dos conjuntos, numa primeira fase, seguida de uma mudança no sentido da substituição dos menires por sepulturas megalíticas, as quais sofrem, seguidamente, uma transformação, inversa da primeira, que culmina nas antas mais monumentais.

3. Nas fases seguintes assiste-se a uma acentuada rarefacção do povoamento em todo o território considerado.

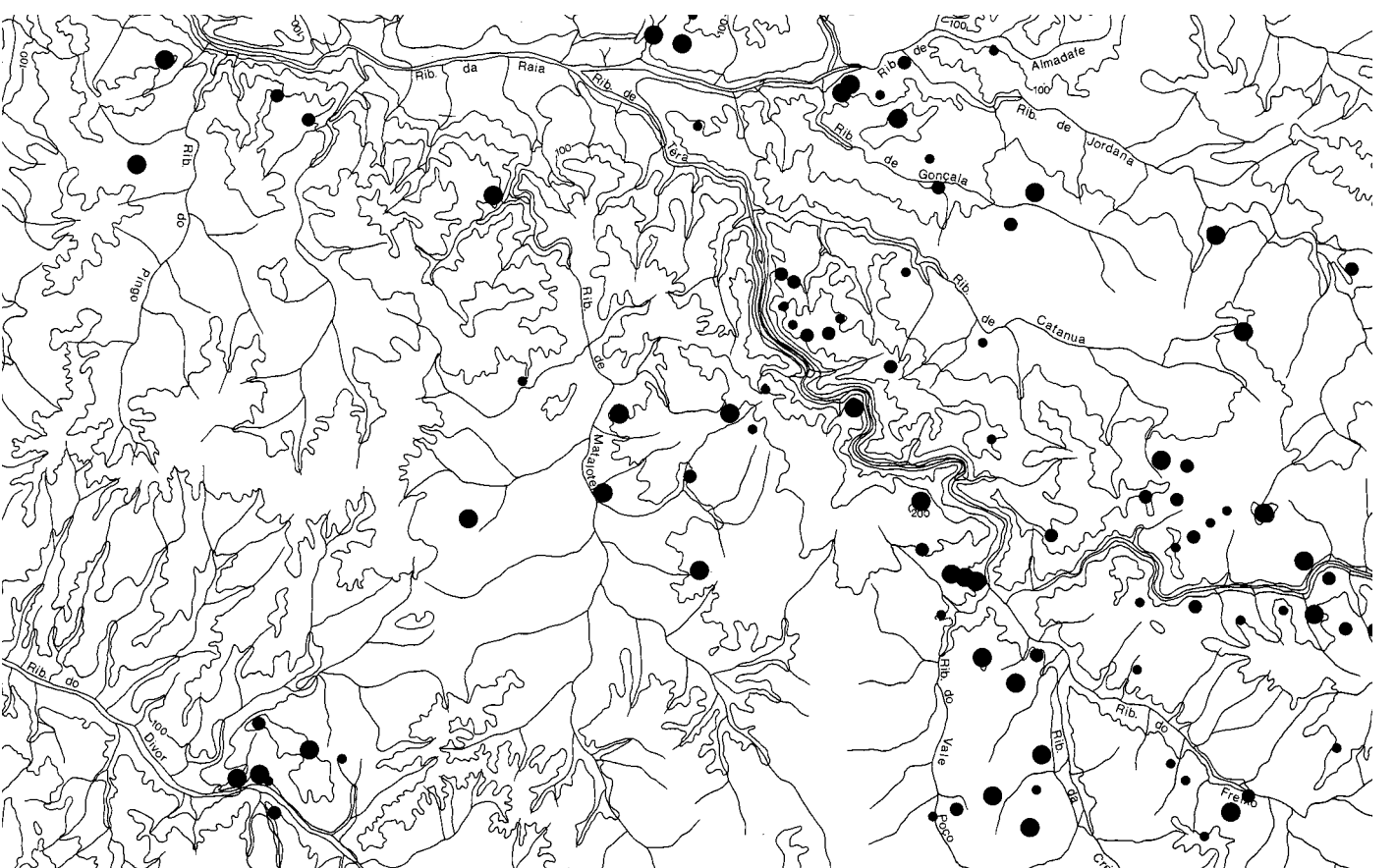
Não custa admitir que esse fenómeno se relaciona, de algum modo, com a instabilidade que conduziu à construção das mais antigas fortificações, a partir da primeira metade do III milénio; essa instabilidade que, em Pavia, implicou a opção por estratégias de implantação inovadoras, pode dever-se à chegada de grupos exógenos ou corresponder apenas à resposta das populações indígenas perante pressões internas ou externas.

Os povoados abertos do Monte do Henrique Soeiro e das Cabeças de Mora, podem eventualmente ter construído estruturas defensivas negativas, difíceis de detectar à superfície, ou corresponder a um momento inicial menos constrangido, após o qual, por serem pouco importantes demograficamente, teriam sucumbido às referidas pressões.

Em suma, a clara redução do povoamento de Pavia, no Calcolítico, permanece ainda muito difícil de interpretar, nas suas causas e nos próprios mecanismos, uma vez que desconhecemos se houve efectivamente decréscimo dos efectivos demográficos (por abandono, expulsão ou aniquilamento) ou se houve, pelo contrário, apenas concentração em alguns povoados melhor concebidos estrategicamente, hipótese dificilmente sustentável, se considerarmos a área do único povoado fortificado conhecido.

A redução populacional parece acentuar-se, no território de Pavia, ao longo das Idades do Bronze e do Ferro, épocas de que não se conhecem, nesta área, quaisquer vestígios, à excepção de dois pequenos povoados da Idade do Ferro.

Para além de todas as dúvidas que existem em torno das sociedades do Bronze Antigo e médio, no Alentejo Central e não só. As necessidades defensivas das populações do I milénio, não permitem explicar cabalmente o vazio observado, uma vez que existem igualmente, nesta área, particularmente junto à ribeira de Têra, algumas áreas mais íngremes, de relevo mais movimentado, em detrimento dos bons solos agrícolas.



Oroidrografia da área de Pavia.
Povoamento pré-histórico da área de Pavia.
Povoados (●); Achados Dispersos (●); Achados isolados (•).



Fig. 1 Abrigo na proximidade da Lapa do Maltês.

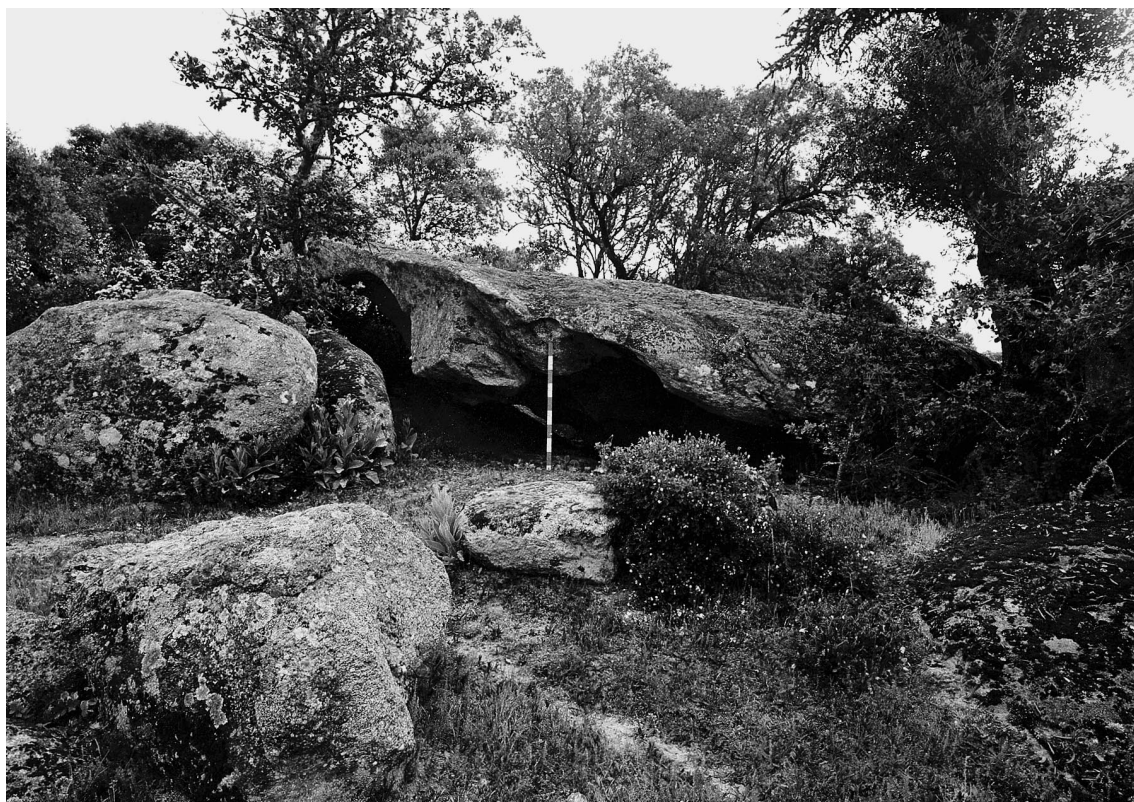


Fig. 2 Lapa do Maltês.

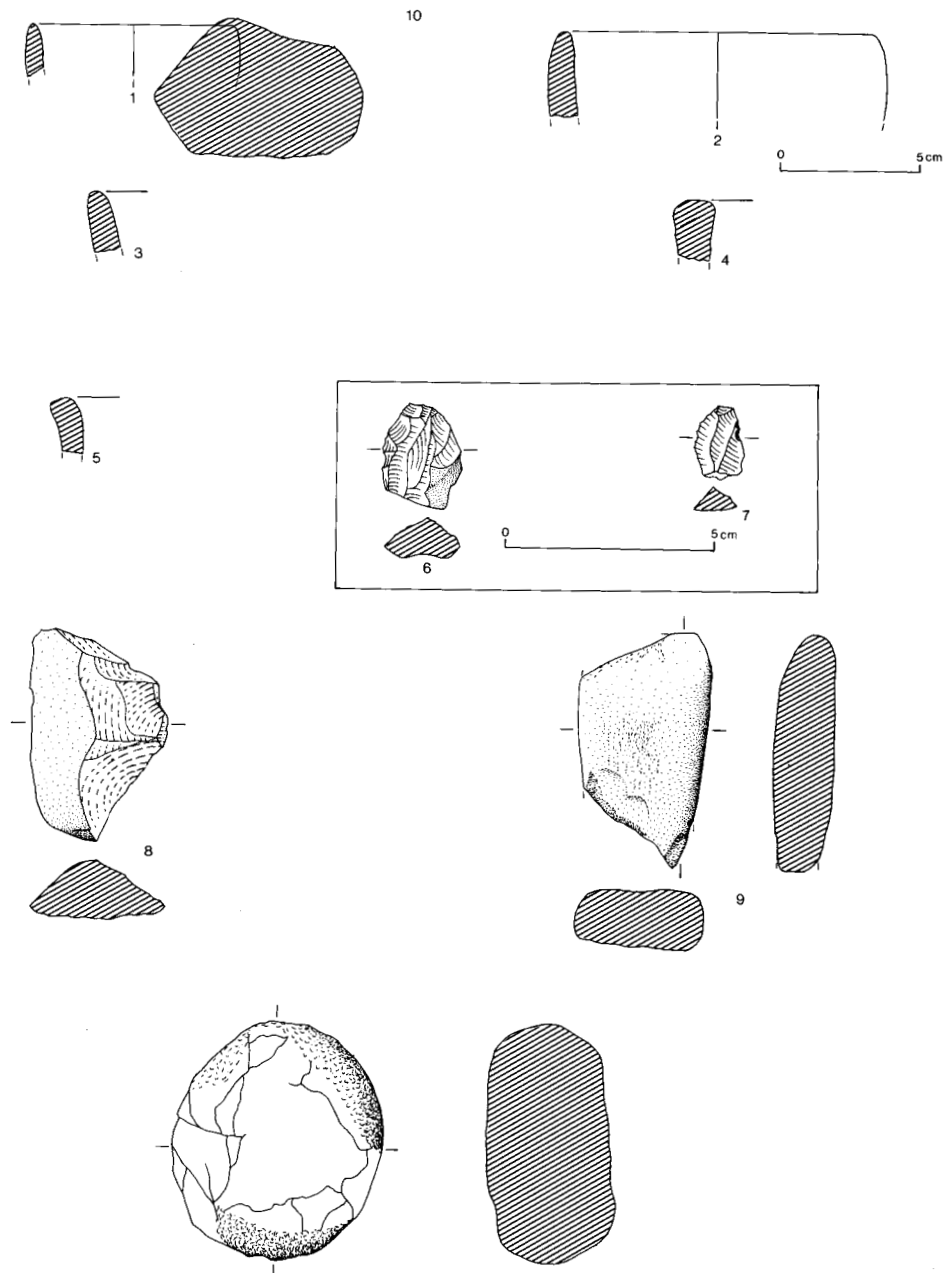


Fig. 3 Materiais de superfície. 1 a 4: Serra de Briços; 5 a 9: Monte dos Pardais 1; 15: Pavia.

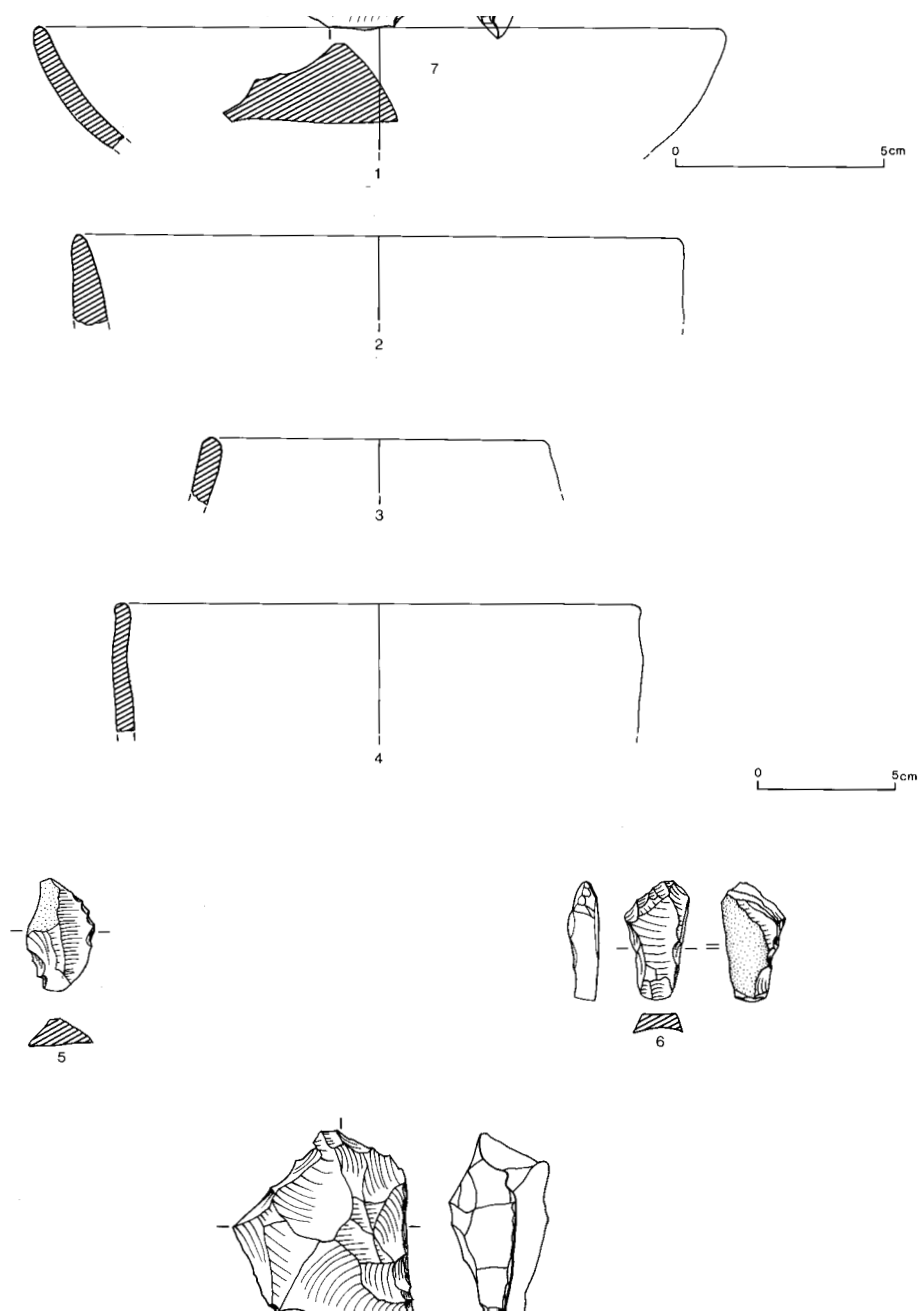


Fig. 4 Materiais de superfície. 1 e 2: Lapa do Maltês 2; 3: Lapa do Maltês 1; 4: Monte das Antas 1; 5 a 7 : Recinto megalítico das Fontainhas.

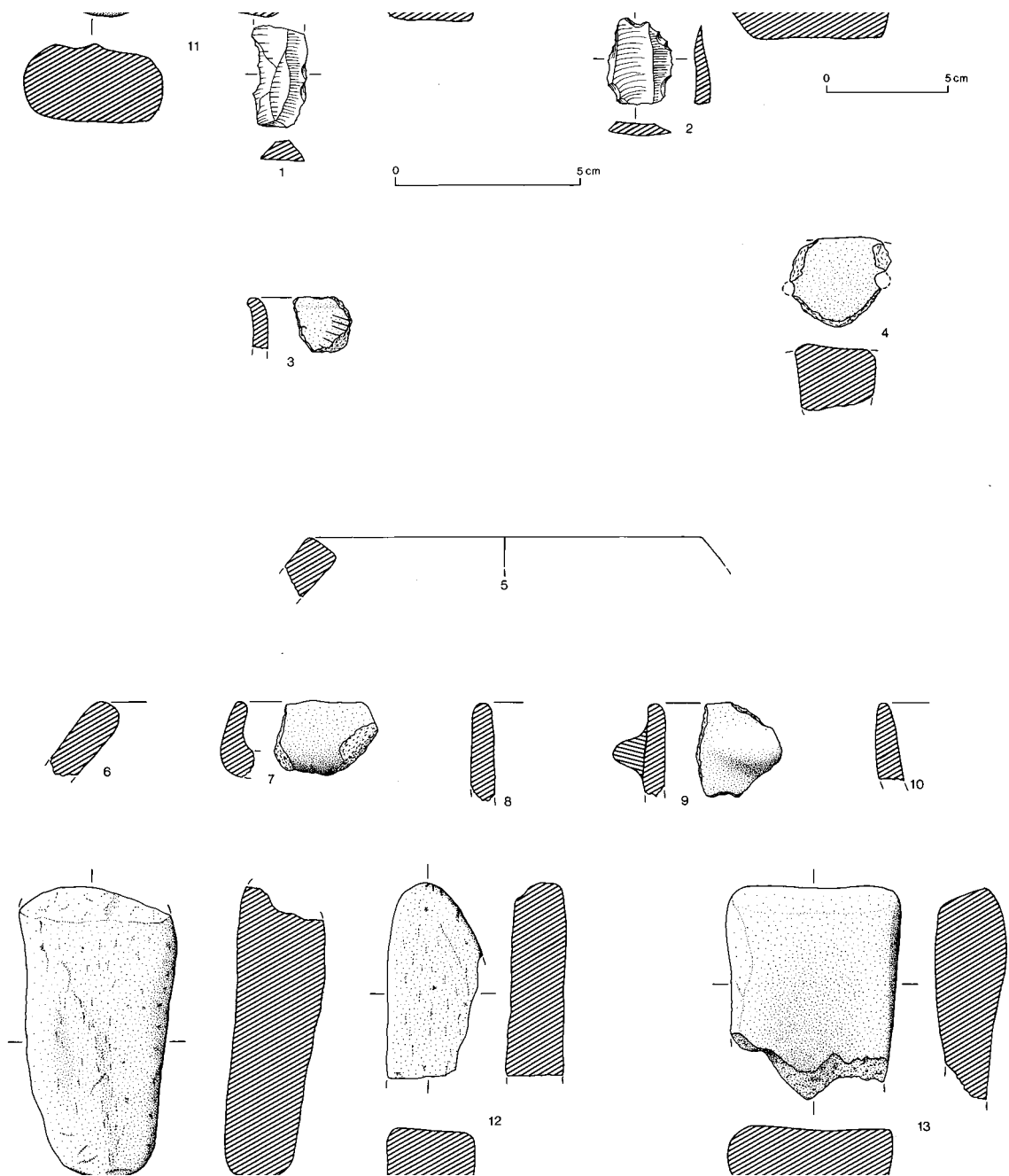


Fig. 5 Materiais de superfície. 1 e 3: Pucárcos de Cima; 2, 4 a 13: Monte das Oliveiras 4.

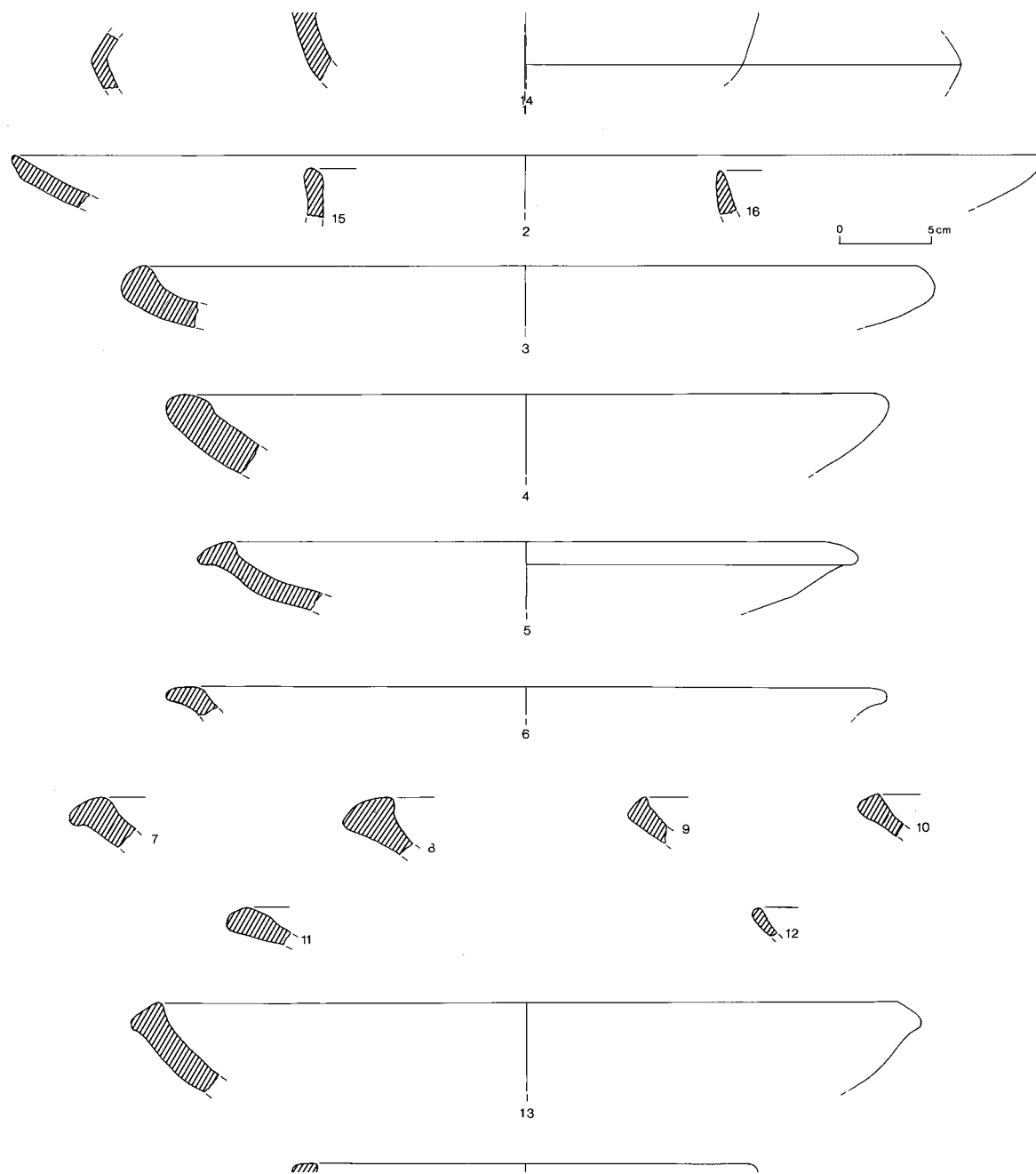


Fig. 6 Materiais de superfície do Monte do Henrique Soeiro.

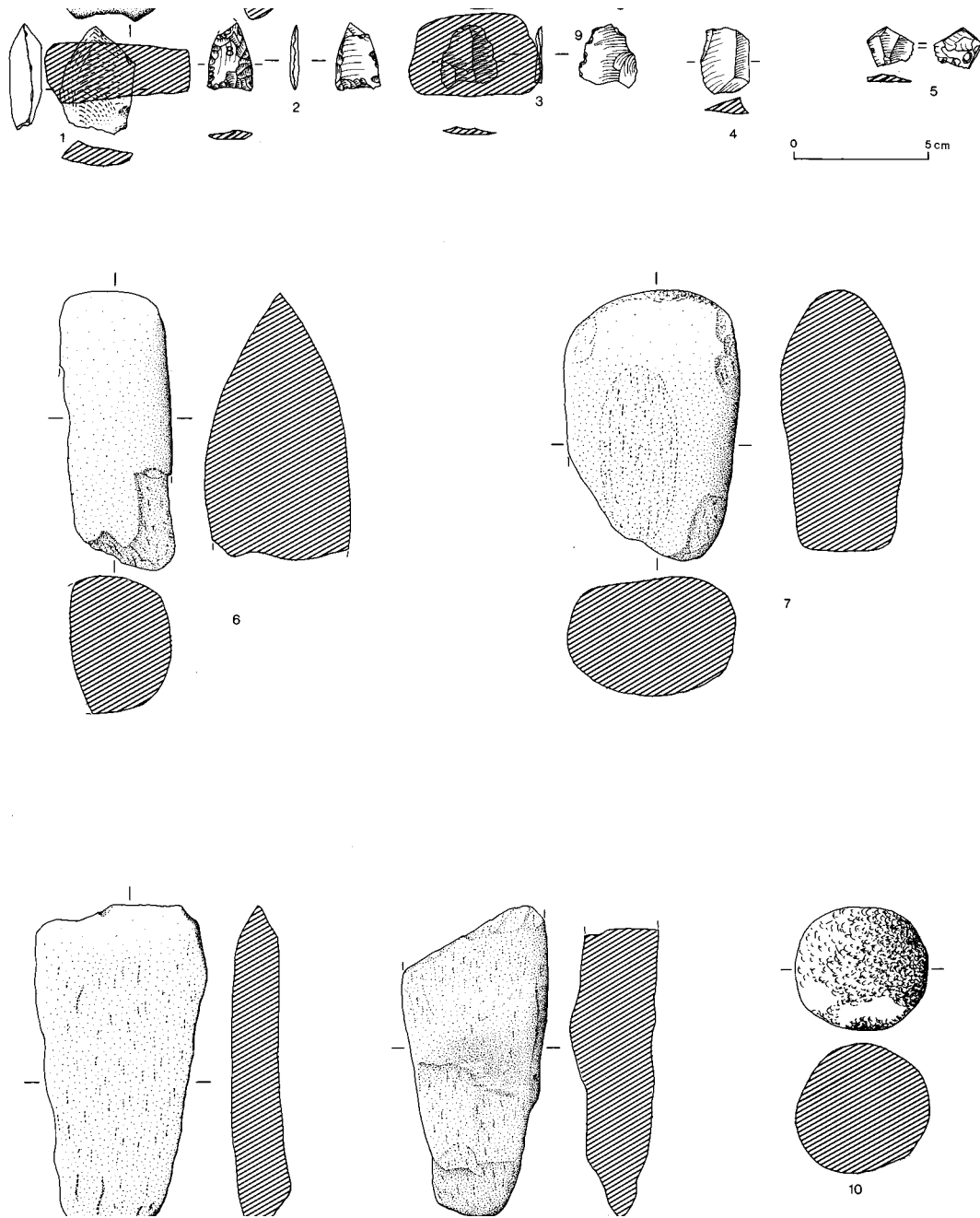


Fig. 7 Materiais de superfície. 1 a 7: Monte do Henrique Soeiro; 8 a 10: Monte da Gonçala 1.

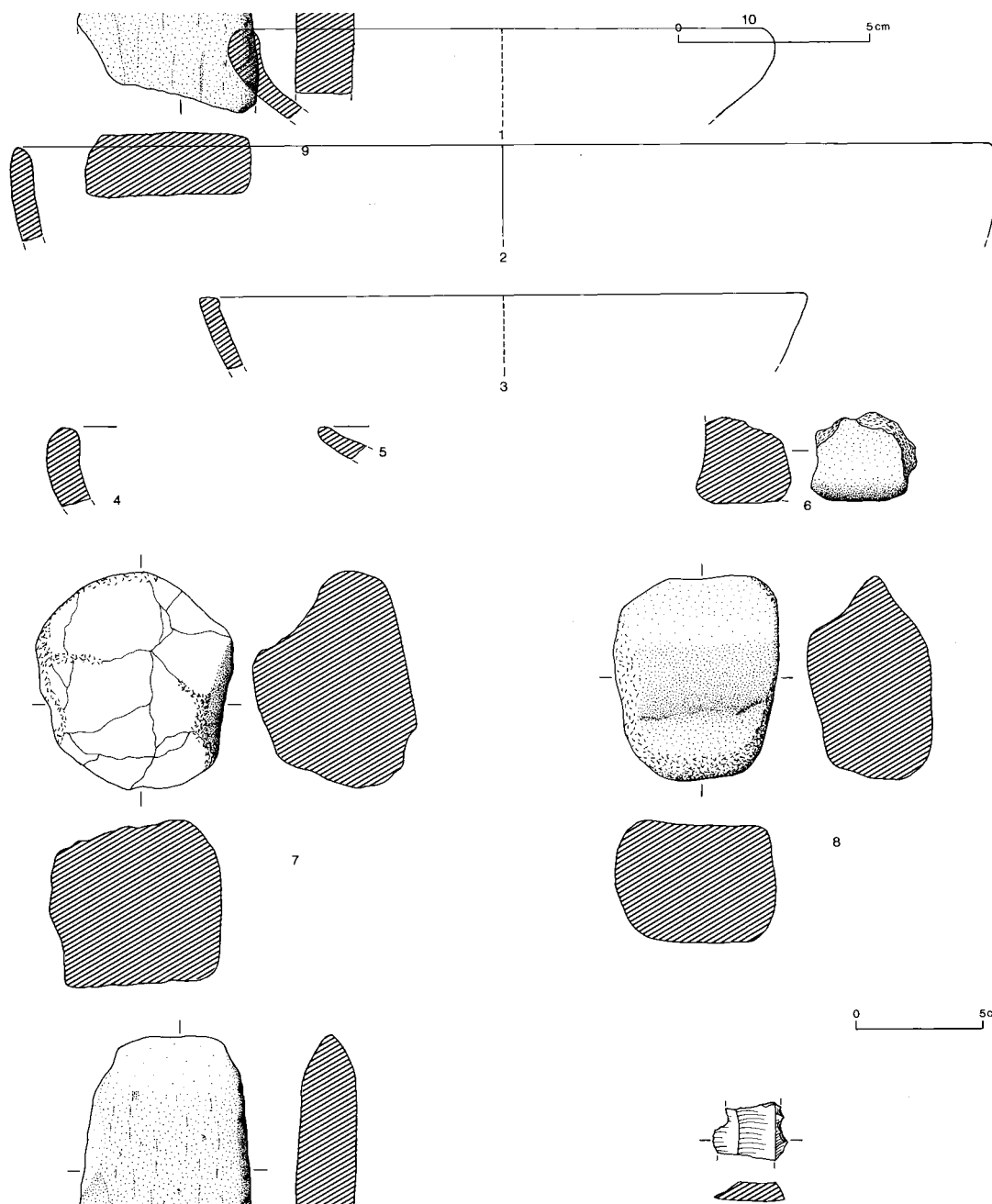


Fig. 8 Materiais de superfície de Cabeças de Mora.

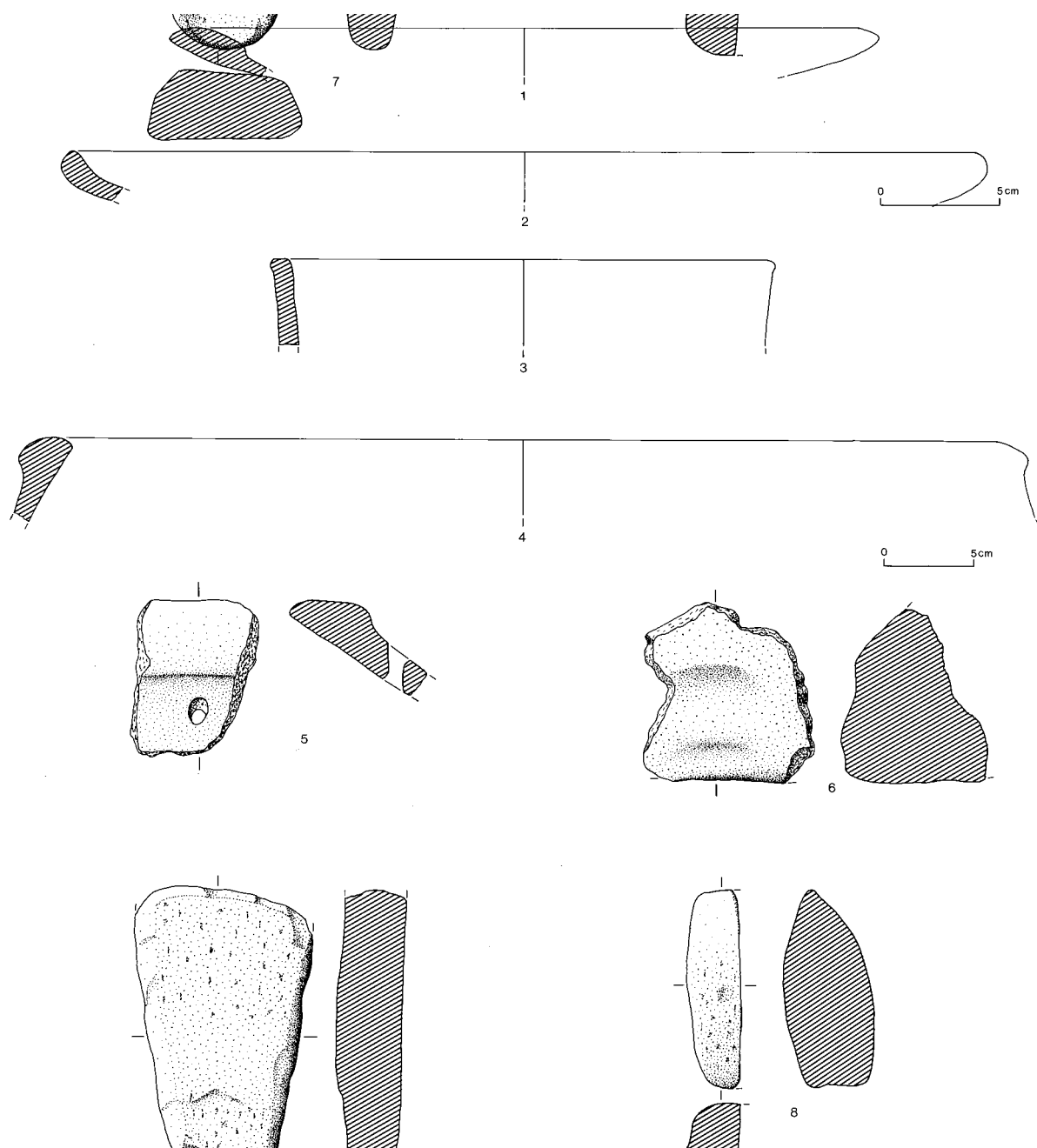


Fig. 9 Materiais de superfície do castelo de Pavia.

NOTA

¹ Doutoranda na FLL. Investigadora da UNIARQ (FLL). IPA - Extensão de Silves.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J.M. (1971) - Os povoados “neo-eneolíticos” de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa). Notícia Preliminar. In *Actas do II CNAP*. Coimbra.
- BURGESS, C. (1987) - Fieldwork in the Évora district, Alentejo, Portugal, 1986-1988: a preliminary report. *Northern Archaeology*. Newcastle upon Tyne, 8, p. 35-105.
- CALADO, M. (no prelo) - Povoamento pré-histórico dos arredores de Évora - evolução das estratégias de povoamento. Com. apresentada ao *I Simpósio Internacional Transformação e Mudança*. Cascais, 1993.
- CALADO, M. (1995) - *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*. Lisboa: FLUL (edição policopiada).
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 99-130.
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996-1997) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora. p.35-55.
- CALADO, M. ; SARANTOPOULOS, P. (1996) - O Cromesque de Vale Maria do Meio (Évora): contexto arqueológico e geográfico. In *I Congrès del Neolitic a la Península Ibérica*. Gavà.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; PISCO, M. (no prelo) - Povoamento proto-histórico no Alentejo Central. Com. apresentada ao *Congresso de Proto-história Europeia* (Guimarães, 1999).
- CORREIA, V. (1914) - Crónica. Excursões arqueológicas ao Alentejo. *O Archeologo Português*. Lisboa. 19, p. 189-192.
- CORREIA, V. (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- DINIZ, M. (1994) - *Acerca das cerâmicas do Neolítico Antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Lisboa: FLUL (edição policopiada).
- GOMES, M. V. (1989) - Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 225-269.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. 9-10, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrogão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1(88). *Portugalia*. Porto. 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1993) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. In *Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal*. Mangualde, p. 1-21.
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M.; ROCHA, L. (1992) - O Antigo povoamento da herdade do Esporão e das áreas conexas, num raio de 5 km da Torre Medieval. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 391-412.
- HÖCK, M. (no prelo) - Novos trabalhos em Vale de Rodrigo (Évora). *Comunicação apresentada ao I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Monsaraz 3-6 de Outubro de 1996.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- OLIVEIRA, J. (1995) - *Monumentos megalíticos da Bacia hidrográfica do Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo)*. Évora: Universidade. Tese de doutoramento policopiada.
- ROCHA, L.; CALADO, M. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: Os casos de Pavia e Évora. *Rubricatum*. *I Congrès del Neolitic a la Península Ibérica*. Gavà- Bellaterra, 2, p. 673-682.
- ROCHA, L. (1997) - Os menires de Pavia, Mora (Portugal). In *II Congreso Peninsular de Arqueología*. Zamora, 24 a 27 de Setembro de 1996. II, p. 221-228.
- ROCHA, L. (1999) - *Povoamento megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (1999) - Aspectos do megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 71-94.
- ROCHA, L. (1999) - O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. In *II Congrès del Neolitic a la Península Ibérica*.

- ROCHA, L. (no prelo) - O monumento megalítico do Monte da Tera (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações. Comunicação apresentada ao 2º Colóquio Internacional sobre megalitismo, Reguengos de Monsaraz, 3-7, Maio, 2000.
- SHERRAT, A. (1981) - *Plough and Pastoralism: Aspects of the Secondary Products Revolution. Paterns of the Past Studies in Honour of David Clarke.*
- SILBERT, A. (1978) - *Le Portugal méditerranéen a la fin de l'Ancien Regime. Contribution à l'histoire agraire comparée.* Lisboa : INIC.
- SOARES, J.; SILVA, C. (1992) - Para o conhecimento do povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica.* Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- ZBYSZEWSKI, G.; VEIGA FERREIRA, O. ; REYNOLDS DE SOUSA, H. ; NORTH, C.T.; LEITÃO, M. (1980) - Nouvelles découvertes de cromelechs et de menhirs au Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal.* Lisboa. 61, p. 63-73.
- ZILHÃO, J. (1992) - *A Gruta do Caldeirão: o Neolítico Antigo.* Lisboa: IPPAR.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. (no prelo) - O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento. *Rubricatum. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica.* vol.2. Gavà- Bellaterra.